

Para onde caminha a Argélia?

Where is Algeria headed?

Carlos Alves Lopes

ORCID: 0000-0001-5924-3777

Resumo

A instabilidade política no Norte de África tem um impacto relevante na segurança do Sul da Europa. O caso da Argélia é um foco de instabilidade regional que poderá trazer consequências graves à segurança europeia e impacto no comércio mundial.

Palavras-chave: Terrorismo, Argélia, Europa, Defesa Marítima

Abstract

Political instability in North Africa has a significant impact on the security of southern Europe. The case of Algeria is a focus of regional instability that could have serious consequences for European security and impact on world trade.

Keywords: Algeria, Europe, Maritime Defense, Terrorism

Introdução

A contestação política que se tem observado contra o Governo argelino, em manifestações de rua desde finais de Fevereiro de 2019, teve como mote a existência de uma candidatura a um quinto mandato de presidência por parte de Abdelaziz Bouteflika, actualmente com 82 anos e fisicamente debilitado em consequência de um AVC em 2013.

Consequências políticas internas

A instabilidade social verificada nas ruas levou a que o processo eleitoral fosse adiado, mas em contrapartida os manifestantes progressivamente abriram o leque de reivindicações e começaram a exigir maiores mudanças políticas.

A Argélia não é um país qualquer, é um dos maiores países territorialmente de África e em reservas de hidrocarbonetos, o que os coloca numa posição económica estável. Politicamente é suportado por um sistema centralizado, em que a máquina do Estado tem o poder de nomear todos os cargos directivos, sejam em ministérios, tribunais, empresas públicas ou outras instituições estatais. Se bem que constitucionalmente seja um regime presidencial desde a sua independência de França em 1962, o poder de facto vem da chefia do Exército, que controla o sistema de nomeações de cargos políticos, os serviços secretos, ou seja controla a classe política no poder.

O poder político encontra-se fragilizado. O fim da contestação não aconteceu mesmo depois do Exército ter destituído o ex-presidente Abdelaziz Bouteflika, em Abril último, nem em Setembro após o Presidente interino Abdelkader Bensalah ter anunciado uma nova data do acto eleitoral, para 12 de Dezembro de 2019.

A orientação política dos manifestantes foi evoluindo. De uma contestação contra o processo de reeleição do presidente, para um processo de contestação contra o poder instalado, ou seja, o poder militar laico liderado pelo General Ahmed Gaid Salahé a fonte da contestação nas ruas.

Mas o que estará realmente em causa? Será que os manifestantes pretendem um processo de europeização política, com um sistema civil parlamentar de partidos laicos e democráticos, com a defesa dos direitos humanos e a igualdade de género, ou um processo de islamização da sociedade, baseado num estado teocrático e onde os princípios culturais europeus e ocidentais são estranhos.

A utilização de manifestações pacíficas, como se tem verificado, dificilmente se manterá por muito mais tempo, por simples reacção à repressão policial que as irá encaminhar para níveis de violência considerável.

O Governo argelino tem tentado algumas acções para desviar a atenção da população para outros problemas e para dividir os manifestantes, através de um discurso de fomentação de confronto étnico entre berberes e árabes, de sobrevalorização de questões de insegurança interna, e ainda em rotular os manifestantes como antipatriotas.

Mas o problema é que o poder militar pode não estar a compreender o contexto em que se encontra. Mesmo com cedências no processo eleitoral, mesmo com outras cedências políticas no sentido da democratização constitucional, a contestação não tem um fim à vista.

Do ponto de vista externo, a comunidade internacional poderá também vir a sofrer consequências vindas do resultado das manifestações de rua, se o poder militar não conseguir controlar internamente a situação, mesmo que reconheça que está em causa a sua sobrevivência. A falta de legitimação popular é na realidade o problema do poder na Argélia.

Consequências políticas externas

Para o Mundo a Argélia é vista como um país não seguro. É um território onde o perigo de actos terroristas têm uma probabilidade alta de acontecer, tanto contra alvos institucionais, como também contra civis e cidadãos estrangeiros.

Tanto Portugal, como outras nações europeias têm emitido avisos de segurança sobre a Argélia, onde existem notas sobre a existência de grupos terroristas activos. Como exemplo internacional o Counter Terrorism Policing, da Grã-Bretanha, refere que as acções terroristas na Argélia têm principal origem na Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQ-IM), mas também por grupos terroristas islâmicos locais como: Al Murabitun e outros menores subsidiários do Daesh, já identificados em diversas cidades da Argélia, incluindo na capital.

No entanto, a Argélia é um caso de sucesso na luta contra o terrorismo. Depois de uma década de ataques terroristas (1990-2000), comandados pela AQ-IM, o último grande ataque data de 2016, tendo existido apenas outras poucas e pequenas acções desde então.

Mas a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico não se encontra eliminada e mantém a pressão sobre a Argélia. A opção de tomar o poder na Argélia é um objectivo incontornável, tanto mais que a sua posição geoestratégica é superior à posição geoestratégica da Síria. Faz fronteira com a Tunísia, Líbia, Niger, Mali, Mauritânia, Sara Ocidental e Marrocos. Está mais próxima da Europa ocidental (Espanha e Portugal), é um Estado com grandes reservas de hidrocarbonetos e por este passa um gasoduto estratégico para o abastecimento de energia à Península Ibérica, o gasoduto do Magrebe-Europa.

A proclamação de um Estado Islâmico na Argélia seria um incidente internacional de enormes repercussões para a Europa, em especial para a Espanha e Portugal em face da proximidade geográfica e da dependência energética, mas também por uma eventual interrupção de navegação no Estreito de Gibraltar, em face de uma operacionalização de pirataria/terrorismo marítimo na zona a partir da costa argelina, ou no limita a utilização do poder naval argelino ao serviço da AQ-IM.

Em Janeiro de 2019, o Office of the Director of National Intelligence (ODNI), dos Estados Unidos da América, publicou informação onde regista a actividade de grupos terrorista na Argélia. Apesar de não se registar uma actividade significativa destes grupos, a situação pode ser interpretada de duas formas.

Em primeiro lugar, em face do sucesso das forças militares argelinas na luta anti-terrorista, e em segundo lugar por essas mesmas forças terroristas estarem a utilizar os territórios argelinos como retaguarda, onde mantêm bases para as acções sobre o Sahel. A informação da ODNI continua a assinalar geograficamente na Argélia a existência de grupos ligados ao crime organizado transnacional e ao terrorismo.

A acção de contenção de ataques terroristas contra o Estado Argelino obteve um sucesso total em 2018. O sucesso das forças de segurança argelinas foi tanto maior quanto

se compara com o que foi observado no país vizinho, Tunísia, onde as forças terroristas islâmicas Jund Al-Khilafa continuam a actuar, ou no caso de Marrocos onde em Dezembro de 2018 se verificou um ataque terrorista com sucesso.

O declínio do terrorismo na Argélia, de acordo com a ODNI, é resultado da forte repressão e de medidas de contra terrorismo que o Exército e outros serviços de segurança têm mantido desde o golpe de estado de 1991. Durante a Guerra Civil Argelina (1991-2002), as forças do Exército Nacional, com apoio interno de partidos políticos democráticos e externo de países ocidentais, combateram a Frente Islâmica de Salvação o qual era suportado por movimentos islâmicos armados com apoio externo alegadamente do Irão.

Retornando à questão das manifestações actuais contra o regime militar argelino, e se se pensar que em 1991 a Frente Islâmica de Salvação conseguiu aceder ao poder através de um acto eleitoral, então a contestação popular poderá estar a ser utilizada para abrir uma nova possibilidade de tentativa de tomada do poder da Frente Islâmica de Salvação na Argélia.

Mas talvez não seja tanto assim, o período após o final da Guerra Civil foi um período de intensa actividade terrorista na Argélia, especialmente entre 1993-1998. Este período ficou conhecido como a “década negra”, com um registo superior a 100.000 mortos, e certamente ainda estará na memória de muitos o terror islâmico. Mais que a propaganda do Governo argelino, será a memória colectiva que colocará em dúvida um apoio explícito dos cidadãos a movimentos terroristas islâmicos.

A Argélia não será uma nova Síria

Não é possível esquecer a importância que os eventos da Primavera Árabe trouxeram ao desenvolvimento de grupos jihadistas.

Em contrapartida a Argélia é um país respeitado internacionalmente, membro da Organização das Nações Unidas, da União Africana e da Liga Árabe. A nível económico e enquanto exportador de petróleo integra a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), o que lhe garante um importante apoio e colaboração internacional contra o terrorismo.

Outra explicação para a contenção da acção do Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, para além do sucesso das forças de segurança do Estado, poderá ter sido a emergência mediática do Estado Islâmico do Iraque, da Síria e de grupos em zonas subsarianas, que esvaziaram o recrutamento internacional para a Argélia. Parte dos membros terroristas que actuavam na Argélia acabaram por se deslocar para a Síria, como se reconheceu pela identificação de terroristas aí capturados.

Então, se a luta armada e o terror não estão a resultar na Argélia, será que a estratégia dos extremistas islâmicos para tomarem o poder vai ser diferente? Até que ponto as

manifestações anti-regime são uma das pontas do icebergue do radicalismo islâmico para a tomada do poder na Argélia.

Uma acção bem estruturada por detrás do controlo das manifestações, não só poderá levar a opinião pública europeia a simpatizar com o movimento de protesto, como quando o processo se descontrolar e o Exército perder o poder, a reacção do Mundo Ocidental não conseguirá travar as consequências sociais, humanas e económicas. A estabilidade política e o comércio com a Europa são do interesse interno, mas também do interesse internacional, em especial para os países do sul da Europa e em particular para os da Península Ibérica. A sua importância como fornecedor europeu e norte americano de energia fóssil tem tido cada vez maior notoriedade, o que se transformou num pólo de atracção para futuras acções terroristas dirigidas para a disrupção do fornecimento energético, através de eventuais ataques a instalações petrolíferas e a pipelines de exportação.

A transformação da Argélia num Estado Islâmico representará duas preocupações adicionais para a estabilidade social do Mundo Ocidental: por um lado o perigo da disrupção de fornecimento energético e consequentemente de instabilidade nos mercados de capitais internacionais, mas também um perigo militar, em face da capacidade naval argelina.

O diário online, Echorouk Online, na sua edição de 29 de Janeiro de 2019 fez o seguinte título “Espanha considera-se elegível para um ataque marítimo a partir da Argélia e de Portugal” de Hassan Houicha. O artigo é inteligente e coloca sub-repticiamente a questão da superioridade naval argelina perante as forças navais peninsulares, principalmente no que toca ao aumento da capacidade submarina da Argélia versus Espanha.

O aumento da capacidade submarina argelina ultrapassa a de Espanha, e esta está consciente que começa a perder o controlo das águas do sul da Península Ibérica, opinião expressa pelo Almirante Manuel Garat Caramé numa cerimónia naval de 18 de Janeiro 2019, no porto de Vigo.

A marinha argelina está a rearmar-se com dois novos submarinos russos, Classe Tipo 636M Kilo, o que virtualmente lhe dá a superioridade na zona do Estreito de Gibraltar, em especial pela capacidade de vir a negar o seu acesso. Esta opinião espanhola tem por base a capacidade operacional da Marinha Argelina, por esta possuir seis submarinos: dois convencionais Tipo 877 EKM Kilo (antiga geração), dois do mesmo tipo, mas modernizados e dois últimos do tipo referido 636M Kilo, com capacidade de ataque de superfície com mísseis cruzeiro 3M-54E com alcance de 275 Km.

A questão de segurança no sul da Península Ibérica coloca-se com a questão de uma eventual transformação do poder político na Argélia, de uma República Democrática Popular, de inspiração política soviética, institucionalmente laica, mas com o islamismo como religião oficial, numa República Islâmica da Argélia, de inspiração iraniana com um estado teocrático fundamentalista islâmico.

A posição geoestratégica da Argélia no Mediterrâneo é muito mais importante que a posição da Síria quanto a uma influência sobre o tráfego comercial marítimo. Esta poderá vir a ter um impacto muito superior ao verificado na zona geográfica do Golfo de Áden, caso a Marinha de Guerra Argelina venha a ser controlada por um poder fundamentalista islâmico.

Conclusão

O terrorismo na Argélia encontra-se controlado. No entanto este território continua a ser muito desejado pela Al-Qaeda no Magrebe Islâmico, em face da sua posição geoestratégica junto à entrada do Estreito de Gibraltar, pelo vasto espaço territorial que domina no Norte de África e essencialmente pelo seu valor como exportador de hidrocarbonetos.

Tradicionalmente são remarcadas a luta antiterrorista em terra e a sua influência para a estabilidade do abastecimento energético, comércio e mercados de capitais, mas poderá vir a existir um novo problema a nível do comércio mundial se a Argélia for tomada por radicais islâmicos.

A situação é politicamente grave e a inexistência de reivindicações de cariz islâmica nas consecutivas demonstrações que perduram, desde Março de 2019, é estranho. É ainda mais estranho é a inexistência de um discurso radical islâmico em apoio das mesmas.

Actualmente está em jogo o futuro político da Argélia e nada contradiz um possível reaparecimento da Frente Islâmica de Libertação, como existiu na década de 80, mas também está em jogo a estabilidade internacional na zona ocidental do Mediterrâneo.

Referências

Foreign Policy (on-line)

SERRANO, FRANCISCO, “After 8 Months on the Streets, Protesters in Algeria Aren’t Giving Up Citizens have been promised new elections”, edição de 3 de Outubro de 2019. (consultado em 10/10/2019).

Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/10/03/after-eight-months-on-the-streets-protesters-in-algeria-arent-giving-up/>

Ministério Negócios Estrangeiros (on-line)

Portal das Comunidades Portuguesas – Argélia. (consultado em 13/10/2019).

Disponível em: <https://www.portaldascomunidades.mne.pt/pt/conselhos-aos-viajantes/a/argelia>

The Foreign and Commonwealth Office (on-line)

Foreign travel advice – Algeria. (consultado em 9/10/2019).

Disponível em: <https://www.gov.uk/foreign-travel-advice/algeria/terrorism>

Combating Terrorism Center, West Point USA (on-line)

Geoff d. Porter, “AQIM Pleads for Relevance in Algeria”, Março 2019, Vol. 12, n. 3. (consultado em 9/10/2019).

Disponível em: <https://ctc.usma.edu/aqim-pleads-relevance-algeria/>

Real Instituto Elcano (on-line)

Area: International Terrorism, ARI 25/2009. (consultado em 10/10/2019). Disponível em: https://www.files.ethz.ch/isn/145554/ARI25-2009_Giroux_Energy_Infrastructure_Terrorist_Threat_North_Africa.pdf

(Página deixada propositadamente em branco)